

PSICODINÂMICA DO TRABALHO, EDUCAÇÃO E MULHERES:

uma revisão sistemática de literatura¹

PSYCHODYNAMICS OF WORK, EDUCATION AND WOMEN:

a systematic literature review

Gisele Cristine da Silva Dantasⁱ

Carla Sabrina Xavier Antlogaⁱⁱ

RESUMO: O ato de trabalhar ocorre de modo diferenciado para homens e mulheres, por isso, há importância de se focar o gênero no trabalho. Esse artigo objetivou analisar a produção científica da Psicodinâmica do Trabalho no campo da educação, as vivências de prazer e de sofrimento docente sobre o tema sob a perspectiva de gênero, com foco nas mulheres. A perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho apontou muitos estudos com a categoria de profissionais da educação, principalmente de professores, porém insuficiente quanto à análise de gênero. Dos 365 somente *nove* se propuseram a avaliar o sistema sexo/gênero, majoritariamente no trabalho de cuidados, como das enfermeiras, sendo que somente quatro na educação e dois na educação básica, evidenciando uma pobreza de resultados nessa perspectiva, apesar da potencialidade para geração de conhecimentos. Outros estudos e debates devem ser realizados para compreensão dos fenômenos da divisão sexual do trabalho e da feminização na profissão docente.

Palavras-chave: Efeitos psicológicos. Educação. Mulher. Trabalho. Gênero.

ABSTRACT: The act of working occurs differently for men and women, therefore, it is important to focus on gender in work. This article aimed to analyze the scientific production of the Psychodynamics of Work in the field of education, the experiences of pleasure and suffering of teachers on the subject from a gender perspective, with a focus on women. The Psychodynamics of Work perspective pointed to many studies with the

¹ O texto deve-se a um recorte de Tese em Psicologia.

category of education professionals, mainly teachers, but insufficient in terms of gender analysis. Of the 365, only nine proposed to evaluate the sex/gender system, mostly in care work, such as nursing, with only four in education and two in basic education, evidencing a lack of results from this perspective, despite the potential for generating knowledge. Other studies and debates should be carried out to understand the phenomena of the sexual division of labor and feminization in the teaching profession.

Keywords: Psychological effects. Education. Women. Workers. Gender division of labour.

1 INTRODUÇÃO

Dejours desenvolveu a Psicodinâmica do Trabalho – PdT a partir da sua requisição para atuação como médico nos ambientes laborais na França e de suas análises do mundo do trabalho. Partiu das observações sobre o sofrimento e o adoecimento dos trabalhadores, para uma segunda fase de prevalência dos aspectos psicodinâmicos, da mobilização subjetiva e do desenvolvimento de estratégias de resistências para proteção da saúde e de prazer.

Sua teoria tem o mérito de compreender e de explicar as subjetividades envolvidas no trabalhar, de explicitar o invisível, as dificuldades e os riscos envolvidos, mas também as possibilidades de realização humana pelo trabalho. Apesar de ter se constituído no ambiente europeu com suas especificidades, muitas das dinâmicas descritas por Dejours podem ser compreendidas no contexto latino-americano e, mais especificamente no brasileiro.

Dejours (2012) desenvolveu vários conceitos, dentre eles a mobilização subjetiva, que são os esforços diante das tarefas laborais. A mobilização subjetiva coletiva pode ajudar no enfrentamento do real do trabalho e contribuir para mais vivências de prazer, minimizando as de sofrimento.

2 EDUCAÇÃO, RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO E GÊNERO

O campo da educação consiste em um lócus importante para se estudar, pois diz respeito ao local destinado à formação de crianças e adolescentes nas sociedades ocidentais. Para Drabach e Freitas (2012), o papel da educação consiste em, além da formação, a socialização e a subjetivação, em um espaço privilegiado, de nível primário. O papel social da educação fundamenta toda a formação posterior das categorias profissionais que compõe as sociedades ocidentais.

É democrática, na maior parte das sociedades ocidentais, porque estabelece o direito de socialização e de acesso aos conhecimentos de maneira mais sistematizada a todos os cidadãos. Nos séculos anteriores, a educação formal acontecia nos domicílios das famílias de classes privilegiadas. A partir do século XVIII e sobretudo XIX, classes foram sendo formadas sobretudo de meninos. Às meninas, o tipo de educação enfatizava as necessidades da vida adulta, de lazer e de organização

doméstica. Com as novas tecnologias e com a acessibilidade aos conhecimentos produzidos no planeta, modificou-se o status educacional. Mas o contexto escolar ainda se mantém importante.

Louro (1999) apontou para a importância da abordagem das relações de gênero na educação, destacando a inviabilidade de uma prática ética ao não se observar essa dimensão. Outras autoras apontaram mais amplitude no olhar quanto à raça, como *bell hooks* e Lélia González, etnia como Molinier, entre outras interseccionalidade

Dejours desenvolveu um debate que discutiu a centralidade do trabalho na vida de homens e de mulheres, do *traballar* que extrapola os períodos estipulados pela jornada de trabalho, o que inclui criar estratégias, resolver problemas, ter *insights*, ou *mesmo*, sonhar. Enfocou a subjetividade, bem como a importância do corpo, que sempre está envolvido e não tão considerado. Todo o ato de trabalhar envolve um custo humano muitas vezes não visibilizado ou considerado. Também discorreu sobre a dupla centralidade do trabalho, porque considera também a sexualidade no ato de trabalhar. Entretanto, apesar de Dejours apontar para uma diferença de sexo, quanto ao trabalho de homens e de mulheres, não considerou especialmente uma leitura de gênero. Mas descreveu as relações de subordinação-dominação a que as mulheres estão submetidas diante dos homens.

Já Molinier (2014) desenvolveu seus estudos, sobretudo nas relações de *care* ou cuidado, fundamentada na PdT e nas relações sociais de sexo, que demonstram os impactos sobre as subjetividades delas. Para a autora, as mulheres, sobretudo as migrantes, tem mais sofrimento no trabalho, inclusive diante das ambivalências contidas nas atividades de cuidado profissionais. Antloga et al. (2020) apontaram para a invisibilidade do trabalho de cuidado nas organizações, que prejudica a dinâmica do reconhecimento e da mobilização subjetiva e coletiva.

A divisão sexual do trabalho foi estudada por Federici, Hirata e Kergoat, além de autoras como Lerner, Beauvoir, bem como, Bourdieu e no Brasil, Souza-Lobo, Biroli e outras, que diz respeito aos modos e funções de produção e de reprodução das sociedades, com a definição da função das mulheres como reprodutivas e dos homens como produtivas e de mais valor. Lerner apontou que a divisão sexual do trabalho está presente há 4.000 anos nas sociedades ocidentais.

Os aspectos da divisão sexual do trabalho contribuem para aumentar os problemas desencadeados na saúde dos trabalhadores no âmbito d trabalho e da vida social, pois impõe um tipo de sociabilidade desigual. O adoecimento dos trabalhadores tem sido bastante estudado, sobretudo os de serviço público, mas precisa de disseminação entre as pessoas, produzir conexão entre os pares, redirecionar os esforços para a coletividade e influenciar as políticas públicas. Torna-se importante levantar a produção de conhecimento sob essas abordagens, sobretudo no campo docente, com a função de resgatar e consolidar o trabalho já feito e partir desse conjunto para avançar com contribuições.

3 METODOLOGIA

O objetivo desse estudo foi o de realizar levantamento bibliográfico de produções científicas das vivências de prazer e de sofrimento docente, sob o referencial da Psicodinâmica do Trabalho, além

de investigar a divisão sexual do trabalho e o sistema de *sexo/gênero* com foco em mulheres, com população que incluísse profissionais da educação, como estudos experimentais e observacionais, por meio de Revisão Sistemática de Literatura – RSL. Foram então definidos os termos *educação*, *psicodinâmica do trabalho ou clínica do trabalho* e equivalentes nas línguas, inglesa, espanhola e francesa.

A pergunta de pesquisa definida foi “*O que foi produzido a respeito de Psicodinâmica do trabalho e educação?*” e “*O que foi produzido sobre gênero nesses trabalhos?*” Para isso, a busca dos trabalhos científicos foi realizada no formato de artigo e em literatura cinzenta. Os critérios de inclusão definidos foram a) na perspectiva da PdT, no Brasil ou outros países, b) na área de educação básica, superior ou outras, c) período nos últimos 20 anos, d) em língua portuguesa, espanhola ou inglesa, e) em formato de artigos, teses ou dissertações (inclui literatura *não indexada* e literatura cinzenta), f) artigos de estudos retrospectivos ou prospectivos, isto é, que a variável tempo relaciona-se a fatos passados ou fatos futuros, com o intuito de abarcar a literatura produzida. Os critérios de exclusão foram a) em outras línguas que não portuguesa, espanhola, inglesa e francesa, b) publicação anterior a 20 anos, c) artigos de revisão e de opinião, d) a ausência da temática abordada como norteadora do artigo. As plataformas científicas escolhidas para o levantamento bibliográfico foram Scielo, Scopus®, Portal de Pesquisa da BVS e Portal de Periódicos da CAPES. A pesquisa foi realizada em julho de 2021. Foram levantadas as dimensões quanto ao *sexo dos pesquisadores, a região da produção, os instrumentos utilizados e os resultados* obtidos.

4 RESULTADOS

Das quatro plataformas, foram encontrados 365 trabalhos relacionados aos temas, mas somente 41 analisados, em detrimento dos descartados como repetidos e os que não contribuíam com a discussão proposta.

Tabela 1 – Demonstrativo quantitativo do levantamento nas bases de dados

Plataforma	Artigos encontrados	Artigos analisados
Scielo	27	08
Scopus	02	00
Portal de Pesquisa da BVS	60	19
Portal de Periódicos da CAPES	276	14
TOTAL	365	41

Fonte: autoria própria

4.1 Pesquisa 1 – Resultados da Plataforma Scielo

Na base de dados da Scielo foram 27 artigos encontrados e 08 analisados, da Scopus foram 02 encontrados e descartados. Dos 27 trabalhos encontrados na Plataforma Scielo, quatro estavam repetidos, 11 trabalhos estavam associados à área da saúde como da enfermagem na saúde da família,

somente seis estavam relacionados ao trabalho docente – sendo três relacionados à educação superior (fase adulta) e três à educação básica (infância e adolescência) – um ao trabalho de assistência universitária e um de serviços, englobando educação, saúde e telemarketing, totalizando *oito* analisados. A Educação básica refere-se às etapas iniciais até o ensino médio e a educação superior, às fases finais de escolarização.

Esses oito artigos tiveram 23 autores. Dos 23 autores, identificados segundo o sistema de sexo/gênero hegemônico pelo nome próprio, 16 foram mulheres e sete homens, sendo a maioria, mais da metade mulheres pesquisadoras interessadas na temática da educação e da Psicodinâmica do Trabalho.

As revistas variaram de área, com distribuição relativamente uniforme, sendo entre duas em educação, duas em educação e saúde, duas em psicologia (uma em escolar e educacional), uma em saúde ocupacional e uma em administração. Dos anos de publicação, foram poucas, mas regulares, com em média uma publicação ao ano, ocorridas em 2018(2), 2019(1), 2017(1), 2015(1), 2013(1), 2012(1), 2009(1).

4.1.1 Análise dos Resultados

As pesquisas da *educação básica* apontaram que, em Bessil e Merlo (2017), a organização dos estabelecimentos prisionais interfere diretamente nas atividades desses docentes e a relação com o aluno é vivenciada como um momento de prazer do trabalho, pelo reconhecimento de sua atividade laborativa, mas preconceito social, limites, possibilidades e responsabilidades dessa população privada de liberdade.

No estudo de Duarte e Mendes (2015) concluiu-se que as estratégias de defesa individuais são predominantes e que a mobilização coletiva entre os profissionais de diferentes atribuições é prejudicada pela falta de um espaço público de discussão sobre suas angústias e prazeres cotidianos do trabalho.

Santos (2009) analisou as estratégias de enfrentamento e de fuga, que seriam, aparentemente, promotoras de aprendizagens e que também são atividades que reduzem o desgaste dos professores, o que leva à banalização do processo educacional. Observou-se que as estratégias de enfrentamento são criativas, alternativas procurando superar as dificuldades, mas ao construírem estratégias de fuga, promovem a banalização do processo educativo. Demonstaram compromisso frente ao exercício profissional, mesmo diante de uma escola que não oferece as condições mínimas adequadas para o processo educativo.

As pesquisas da educação superior de Hoffmann et al. (2019), revelaram realidade mais favorável aos respondentes brasileiros, embora predominância de percepções semelhantes a respeito das vivências de prazer e de sofrimento. Além disso, destacam-se pontos comuns relacionados ao custo cognitivo em nível grave e o custo físico em nível crítico. Para Dejours (2012), o custo humano é um fator de sofrimento no ato de trabalhar e pode contribuir para o adoecimento.

Tundis et al. (2018) identificaram como positivo: ter relações satisfatórias com colegas (33%), possibilidades em pesquisa, ensino e extensão (31%), flexibilidade no horário (23%) e a relação estabelecida com os alunos (19%). E como dificuldades, problemas na infraestrutura da Instituição (59,7%), nas relações socioprofissionais (50%), sobrecarga de trabalho (19,2%) e burocracia no fluxo de serviços (15,4%). As estratégias defensivas foram racionalização, isolamento e compensação. A mobilização subjetiva apresentou-se mais *individual* do que *coletiva* e não têm conseguido modificar o contexto de trabalho.

Para Vilela, Garcia e Vieira (2013), os resultados indicaram que as vivências de prazer são predominantes e estão relacionadas ao orgulho e à identificação com o trabalho. As vivências de sofrimento ocorrem de forma moderada e estão relacionadas ao esgotamento, à sobrecarga de trabalho e ao estresse, além de sentimentos de indignação e desvalorização. Como forma compensatória do sofrimento, as vivências de prazer são maximizadas no contato com os colegas de trabalho e os alunos, na produção de conhecimento e no reconhecimento advindo dos pares e da comunidade.

Para Loureiro, Mendes e Silva (2018), há estigma e a invisibilidade das atividades-meio, preocupação com aspectos conflituosos do trabalho, somatização e intensificação do trabalho. Já as vivências de prazer foram relacionadas às condições salariais, qualificação no trabalho, retribuição simbólica e possibilidades de reconhecimento. Em face do sofrimento, destacaram-se estratégias defensivas na luta pelo reconhecimento, remoção funcional, para ressignificação do trabalho e preservação da saúde, entre outras, mas entraves à possibilidade de ressignificá-lo.

Brito et al. (2012) mostraram que as relações trabalho-saúde não são as mesmas para os diferentes grupos humanos, devendo-se considerar as implicações das relações sociais de classe e gênero. A divisão sexual do trabalho pode ter implicações diferenciadas na saúde de homens e mulheres em termos de maior ou menor margem de tolerância ao meio, como a análise dos perfis de morbidade e de mortalidade. Mais do que revelar um acúmulo de trabalhos entre as mulheres, o estudo das relações entre gênero, trabalho e usos do tempo alimenta discussões sobre políticas sociais voltadas para a reprodução social, associando-se às atividades de organização domiciliar, de lazer e de sono.

Pode-se concluir que dos oito estudos da plataforma Scielo, somente um referiu-se à Psicodinâmica sob uma leitura de gênero, de significativa discussão, mas relacionado à educação superior, apontando *uma pobreza no campo de produções, sobretudo na educação básica*.

4.2 Pesquisa 2 – Resultados da Plataforma BVS

Na Plataforma BVS, dos 60 resultados encontrados, dez estavam repetidos nessa mesma plataforma, uma parte significativa de 22 foram da área da saúde, que não foram analisados e 28 relacionados à docência. Desses 28, cinco foram excluídos por não corresponder ao tema pelo resumo ou artigo, quatro foram repetidos da plataforma Scielo, restando 19. Desses, doze estavam como artigos científicos, sete eram literatura cinzenta e dentre eles, três eram teses e quatro dissertações.

Dos dezenove estudos, foram caracterizados 13 trabalhos relacionados à educação básica, 04 da educação superior, um que uniu a educação básica-superior e um da educação profissional. Dos 35 autores desses dezenove trabalhos, 26 eram mulheres e 09 homens, apontando mais mulheres estudando a temática. Os anos de publicação, dos 19 artigos da área da educação, variaram entre 2006-2018, com concentração de produções em 2014, 2016 e 2018 (4 cada). Os outros anos foram 2017(1), 2013(2), 2012(2), 2010(1), 2006(1), isto é, mais publicações recentes e maior concentração em biênios.

De resultados, os trabalhos apontaram que algumas professoras precisaram assumir a responsabilidade pedagógica de mais de uma turma, o que acarretou o aumento da carga de trabalho. Além disso, possuem pouco tempo com as crianças e a principal atividade se refere a atribuições de tarefas. Nesse sentido, a dinâmica do *reconhecimento* das profissionais é afetada, fundamental para o sentido e afeto (Fischer; Perez, 2018). Dentre os resultados, verificou-se que o contexto de trabalho e o esgotamento profissional foram avaliados como críticos. Fatores relacionados ao prazer foram satisfatórios para realização profissional.

Os danos físicos e psicológicos também foram identificados como críticos e os danos sociais como suportáveis. Esses resultados indicam a necessidade de se pensar alternativas para prevenir riscos de adoecimento mental no trabalho e, ainda, de se dialogar acerca do contexto de trabalho vivenciado pelos docentes de universidades pública (Tundis; Monteiro, 2018).

Os dados revelaram que a relação prazer-sofrimento na Pós-Graduação em Enfermagem sofre interferências externas e internas e que as vivências de docentes e discentes são influenciadas pela organização do trabalho e pelas relações interpessoais. Revelou também, a necessidade de as instituições implementarem espaços destinados à escuta de docentes e de discentes e a importância de discussões sobre a temática em questão e que o tema suscita novos estudos, principalmente no contexto brasileiro, para maior aprofundamento sobre a dualidade prazer-sofrimento na docência (Moreira, 2018).

Outro estudo, de público predominantemente feminino identificou sentimento de agressão do contexto social, perda de autoridade, rejeição, frustrações repetitivas e invasão de vida de modo nocivo, múltiplo e não linear, dificuldade de desligamento, estado de sofrimento e indisponibilidade para si e para família (Silva, 2018). Concluiu-se que, por meio de uma forte união, protegem-se das patologias do trabalho, pois saem da posição de isolamento e se inserem em um espaço de relações intersubjetivas que sustentam o trabalho e afastam o medo e as angústias.

O fortalecimento do coletivo ocorre pela mobilização da cooperação, em torno de uma disciplina quase carcerária direcionada aos adolescentes em privação de liberdade, que dissimularia uma estratégia coletiva de defesa que nega o fato de que os adolescentes em conflito com a lei estão em situação de vulnerabilidade psíquica e social. Esta estratégia coletiva de defesa possui a função de proteger esses sujeitos do medo de tecerem uma relação de proximidade com os esses adolescentes (Costa; Brasil, 2017).

Concluiu-se que os professores se utilizam de diferentes estratégias para o enfrentamento das adversidades no contexto laboral, que envolve o distanciamento familiar e as condições de infraestrutura deficitárias (Cardoso; Ribeiro, 2016), contribuições da psicodinâmica e da psicossociologia do trabalho. Foi apontado que o prazer-sofrimento são elementos imbricados e que

coexistem em todas as dimensões do trabalho do professor, ainda que determinadas atividades e relações gerem potencialmente maior prazer, e outras, maior sofrimento.

A intensificação do trabalho, o desgaste frente às exigências de rotinização das tarefas e o significativo número de referências ao estresse e/ou adoecimento foram evidenciados. Mas há aspectos que mascaram esses indicadores de sofrimento, que se situam entre o sofrimento patogênico e o sofrimento criativo (Ruza; Silva, 2016). O déficit de funcionários, a falta de controle nos processos de trabalho e a dependência salarial das horas extras faz com que abdique de sua qualidade de vida em prol de adquirir bens e prover às famílias, desencadeando um elevado número de afastamentos por questões de sofrimento psíquico no trabalho.

A possibilidade de criação de projetos e participação nas decisões figuram como importantes auxílios para a manutenção da saúde mental. A permanência na instituição pode ser explicada por razões como a identificação com a socioeducação, com trabalhos sociais ou comunitários, a remuneração acima do mercado, a possibilidade de crescimento financeiro, as estratégias de defesas e a acomodação profissional (Kersting, 2016).

Dificuldade no número de alunos por sala, falta de tempo, desafio de alfabetização, questões institucionais, dificuldade em lidar com a indisciplina e outros aspectos afetivo-comportamentais dos alunos, apresentando um exercício de autoritário rígido e punitivo, com distanciamento afetivo e perda da espontaneidade (Munhoz, 2014).

No entanto, os comitês implicados nessas propostas de transformação entram em conflito com a *falta de visão das autoridades*, uma estratégia defensiva organizacional, em detrimento do sentido do trabalho educativo. Para tanto, a ação em saúde e segurança no trabalho é uma via para integrar as reivindicações, a não responsabilização individual por um sistema que talvez tenha perdido a noção da realidade e a necessidade de mudanças radicais (Maranda; Viviers; Deslauriers; 2014), pois o trabalho tem um impacto muito grande na saúde do professor, agravadas por fatores como sobrecarga, estresse, angústia, frustração, esgotamento físico, emocional e o não-reconhecimento social.

A relação com os pais ausentes é insatisfatória e de descrédito. Condições de trabalho insatisfatórias quanto ao suporte técnico-pedagógico, tecnologias e iluminação. O prazer é tido pelo reconhecimento dos discentes, pares, gestão escolar e outros. As estratégias defensivas são de proteção, adaptação e exploração, mas nem sempre são suficientes (Oliveira, 2014).

Apesar dos desafios identificados, verificou-se que as *Oficinas de Promoção da Saúde dos Profissionais da Educação* revelaram importantes dispositivos para a saúde do trabalhador, como dificuldades dos docentes de se articularem para enfrentar uma organização de trabalho caracterizada por pressão, sobrecarga, violência física e psicológica, humilhações, efetivo reduzido, desvalorização, sofrimento e adoecimento, mas, desenvolvem estratégias de defesas frente a esse cenário (Freire, 2014). Os sentimentos relatados caracterizaram medo e ansiedade pelo desconhecido, mecanismos de negação e rejeição do sofrimento dos colegas, dificuldade de reconhecer o potencial de formação de estratégias coletivas.

Do sofrimento ao prazer, o reconhecimento vivido e o cumprimento do direito à educação (Ribeiro, 2013), se considerado o debate de valores que giram em torno da construção de sentidos

sobre o trabalho e a saúde dos professores, verificou-se que o polo dos valores mercantis se sobressai em relação aos polos do político e das gestões (atividade). A lógica presente nas reportagens analisadas é a da individualização e culpabilização dos professores por adoecer. A psicologização e o discurso biomédico dos problemas cotidianos fazem com que o caráter coletivo dos problemas desapareça.

Por outro lado, os discursos dos representantes do governo não propiciam a animação da cadeia dialógica, na medida em que afirmam conhecer os caminhos para enfrentamento dos problemas. Assim mesmo, em diversos relatos nas notícias foi possível encontrar sentidos positivos atribuídos pelos próprios professores à sua atividade, como também a presença de esperança em uma mudança positiva da maneira que a educação brasileira é tratada (Nogueira, 2013), relação entre família e escola.

A análise de todo o processo apontou quatro temáticas: organização do trabalho — de prejuízo à saúde e sofrimento psíquico — formação, remuneração e municipalização. A avaliação deles sobre o trabalho desenvolvido foi favorável, indicando que esse é um espaço promissor para intervenções da psicologia (Ribeiro et al., 2012), os resultados apontaram um engajamento profissional aquém do desejado em atividades de pesquisa e extensão e uma organização do trabalho que dificulta a consolidação dos coletivos e a manutenção de laços de cooperação entre os docentes, aspectos fundamentais para a qualidade e a produtividade, com saúde e segurança no trabalho (Nascimento; Vieira; Araújo, 2012), o contexto comum é o das políticas orientadas pelo gerencialismo e inscritas em um processo de precarização social e do trabalho. Procura-se demonstrar similitudes e distinções da reconfiguração e intensificação do trabalho do professor. São relacionados os aspectos sócio-institucionais e psicodinâmicos. Apontou-se para a prevalência da dimensão patogênica das estratégias defensivas e malversação do reconhecimento. O espaço público da palavra é apontado como estratégia necessária para o enfrentamento do individualismo e da competitividade forjados pela sociabilidade produtivista, instrumental e pragmática (Lima, 2016), com base na análise do material produzido, constatou-se que os principais motivos de inserção profissional dessas trabalhadoras na educação são profundamente marcados pelas *relações sociais de gênero e condições socioeconômicas*.

No estudo, verificou-se ainda a discrepância entre trabalho prescrito e o trabalho real. Porém, percebeu-se que, apesar das dificuldades encontradas nas situações de trabalho, as professoras, por intermédio do uso de suas sensibilidades e criatividade, desenvolvem diversas formas de regulação da atividade, dando novas formas ao trabalho e inventando diferentes maneiras de articular-se a ele (Almeida; Neves; Santos, 2010). As docentes vivenciam diferentes formas de sofrimento psíquico ao confrontar-se com as situações desfavoráveis de sua atividade. Por outro lado, as professoras desenvolvem estratégias de enfrentamento que amenizam o sofrimento e favorecem transformar a angústia em força propulsora de mudança, pois a presença do trabalho coletivo, o desenvolvimento de regras de ensino e o reconhecimento por parte dos alunos, se constituem como possibilidade de construção de saúde e de prazer no trabalho delas (Mariano; Muniz, 2006).

Na análise, foram detectados muitos estudos com resultados diferenciados, mas que giraram em torno do contexto, da organização e das condições do trabalho educacional, que o trabalho coletivo ameniza. Somente um relacionou questões de gênero, na educação básica, quanto à inserção e permanência no exercício laboral, entretanto de modo não aprofundado.

4.3 Pesquisa 3 – Resultados da Plataforma Capes

Na Plataforma da Capes, foram 276 produções encontradas. Foram Artigos (262), Livros (8), Resenhas (3), Recursos textuais (2), Tese (1), de temas como PdT (55), Saúde Pública (50), Psicologia (45), Negócios (32), Saúde Ocupacional, pública e ambiental (31), entre outros. Quanto aos idiomas, Português (195), Inglês (187), Espanhol (79), Francês (1), Alemão (1). Para análise dos achados, os trabalhos foram divididos em categorias, como mulheres e feminino, docência, gestão, saúde e doença, servidores públicos. Foram excluídos os temas relacionados aos cuidados ou *care* privados.

4.4 Contribuições da PdT de outras Categorias

Segundo Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), a categoria mais estudada pela PdT é a da saúde, especialmente os enfermeiros, sem perspectiva de gênero, exceto o estudo de Fernandes et al. (2002) e equipes de saúde da família.

Em função da contribuição dos estudos pela PdT, alguns resultados foram levantados de outras categorias profissionais. O sentimento de medo apareceu em trabalhadores dos frigoríficos (Silveira; Merlo, 2014), solidão no contexto do trabalho contemporâneo de ideologia gerencialista (Siqueira; Dias; Medeiros, 2019), estresse em 32% na categoria de guardas municipais (Silva, 2009).

Pereira (2011) e Cardoso (2015) descreveram que a atual configuração do mundo do trabalho pela dissociação e excesso, predispõe ao adoecimento, inclusive ao suicídio (Santos; Siqueira; Mendes, 2010b), afetando as diversas categorias profissionais, pelas condições organizacionais e fiscais de trabalho, as situações e relações de trabalho e *as formas de gestão*.

Dos 276 trabalhos encontrados, os relativos ao adoecimento, apontaram vulnerabilidade e risco de suicídio em bancários, de práticas administrativas e empresariais empregadas sobre as subjetividades (Santos; Siqueira; Mendes, 2010a), insatisfação com a empresa e relacionamentos profissionais e utilização de defesas de negação, entre outros (Mendes, 2013), mecanismos organizacionais, como as promessas simbólicas, que estimulam a sobrecarga do corpo para a mediação do medo e da ansiedade, favorecendo o processo de adoecimento (Santos Jr; Mendes; Araujo, 2009).

Foi apontado que para os trabalhadores com LER/DORT, a incapacidade se manifesta precocemente na percepção de ineficiência do trabalhador no processo produtivo, porém sua legitimação parece ser tardia, custando o preço da cronificação e da invalidez para o trabalhador, produzida pelo descompasso entre a produção exigida pelo trabalho e a produzida pelo corpo (Neves; Nunes, 2009).

4.4.1 Estudos sobre Serviços Públicos

Os trabalhos encontrados relativos ao serviço público evidenciaram que as maiores dificuldades são a falta de recursos humanos e físicos, de valorização e de autonomia, excesso de carga horária de policiais militares do Tocantins (Ferreira; Ghizoni, 2018), ritmo acelerado e elevado volume de trabalho de servidores do judiciário sulistas (Pai et.al., 2014), de reconhecimento no trabalho por profissionais da área de treinamento do Judiciário (Gomes; Lima; Mendes, 2011), necessidade de mudanças na divisão de tarefas e na divisão social do trabalho para servidores de uma universidade pública do Norte (Pacheco; Silva, 2018), falta de estrutura e equipamentos, sobrecarga de trabalho pela demanda, identificadas por funcionários de Corumbá – MS (Silva; Vasconcellos; Figueredo, 2018).

Também, falhas nas estratégias de mediação de policiais civis recém-empossados (Anchieta et al., 2011), conjugação de forças advindas da organização, precarização do trabalho e implicações danosas à saúde (mental) dos profissionais, no aumento do sofrimento psíquico, alcoolismo, depressão e até em suicídio, de policiais (Silva; Vieira, 2008; Minayo; Assis; Oliveira, 2011; Bagalho; Moraes, 2017) ou mesmo para evitar atitudes discriminatórias, prejuízos profissionais e financeiros, esforço para ocultar os sintomas de suas enfermidades e/ou opção por trabalhar adoecidos de policiais militares (Nummer; Cardoso, 2018).

Constrangimentos no trabalho em função do pertencimento da mesma comunidade, além da precariedade dos Agentes Comunitários de Saúde (Jardim; Lancman, 2009), exposição à violências, como a intensas situações de agressões verbais e físicas de agentes de trânsito (Lancman et al., 2007), fragmentação dos coletivos de trabalho de empregados terceirizados da indústria petrolífera (Alvarez et al., 2007), ausência de suporte para responder às demandas dos clientes, contexto de baixos salários e grandes transformações favorecem o isolamento e insegurança de caixas de agências bancárias (Palácios; Duarte; Câmara, 2002), processos de trabalho de caráter provisório e de contradições para os trabalhadores da vigilância sanitária (Souza; Costa, 2010).

Observou-se bastante enfoque nas categorias profissionais contidas no serviço público, revelando uma flexibilidade e alcance da teoria da Psicodinâmica do Trabalho — PdT para evidenciar as relações de trabalho e de saúde.

4.4.2 Gênero em outras categorias profissionais

Nove estudos contribuíram com a leitura de gênero em categorias profissionais diversas. Molinier (2004) desenvolveu pela PdT, as situações das mulheres no trabalho, estudando a situação das enfermeiras e quais condições sociais e organizacionais favoreciam uma cultura do cuidado e identificou sentimento do amor expressas no trabalho e antagonismos raciais entre a equipe de gestão e a de cuidadores.

Dorna e Muniz (2018) apresentaram pesquisas analisadas por Pascale Molinier acerca dos sistemas defensivos contra o sofrimento no trabalho de *care*, em que as situações de trabalho que

produzem sofrimento não são as mesmas para homens e mulheres, os sofrimentos e os sistemas defensivos para lidar com eles serão sexuados – a “sexuação” das defesas não em função da “natureza”, e sim em decorrência da divisão sexual do trabalho. Estas pesquisas evidenciam ainda que certas modalidades da subjetividade classicamente atribuídas à constelação psíquica da feminilidade são em grande parte, diferenciações contingentes e secundárias à experiência do trabalho. Pezé (2004) levantou que o assédio moral se tornou uma verdadeira estratégia de gerenciamento, baseada na radicalização das novas formas de organização do trabalho.

Outros trabalhos apontaram relações de gênero, como situações de ansiedade, tensão e risco favorecem a constituição de ideologias defensivas de negação do medo e mobilizam o ideal de salvar vidas, atitudes heroicas e sentimentos ambivalentes. Concluiu-se que as situações de trabalho em ambas as profissões e as características da gestão e organização do trabalho propiciam sofrimento psíquico, estresse e conflitos identitários, além de elemento constitutivo da identidade, sendo perpassado pelas *relações de gênero e de poder*, historicamente constituídas e de caráter relacional em guardas municipais e enfermeiras (Gomes; Lima; Mendes, 2011).

Tschiedel e Traesel (2013) em um estudo sobre o trabalho feminino considerou a dor e a somatização como expressões do sofrimento, uma relação complexa que vincula a dor às vivências subjetivas e à identidade social, bem como ausência de espaços para discussão e de visibilidade das contribuições da mulher, que impedem que haja uma reapropriação do significado do seu trabalho, enquanto fonte de prazer, independência e realização.

Lapa (2020) estudou as condições de trabalho e práticas sociais de trabalhadoras, que são compreendidas ao mesmo tempo como de sexo e de classe, o sofrimento e a construção de estratégias coletivas de defesa das mulheres no trabalho. Já Fernandes et al. (2002) avaliaram a relação saúde mental e trabalho na enfermagem, a marca do individual e do coletivo organizacional, visualizando essas profissionais como produto e produtoras de sua história pessoal e de sua saúde mental no ambiente de trabalho, compreendendo-as como manifestação da totalidade social.

Cunha e Vieira (2009) ao estudar as *labirinteadoras*, uma atividade de bordado desenvolvida por mulheres no mercado informal identificaram que o processo, a organização e as condições de trabalho tornam essas trabalhadoras dependentes de comerciantes intermediários, em situação vulnerável para a saúde e sem poder de mobilização para se organizarem em cooperativas de trabalho. O trabalho possui prescrições informais, imprecisas, subentendidas e com enorme variabilidade, mobilizado por uma inteligência da prática, pelo uso dos saberes e sagacidades do corpo (Rocha; Pinto, 2018).

4.4.3 PdT e Gênero na Docência

Da docência, 22 artigos foram referentes à pergunta de pesquisa. Com relação às etapas da educação, a maioria ou quase o dobro foi realizada na *educação superior* em detrimento da *educação básica*, sendo doze referentes à educação superior, sete referentes à educação básica, dois teóricos de educação em geral e um referente à educação profissional. Foram retirados os repetidos das bases anteriores, sobraram para análise 14 artigos, sendo oito da educação superior, três da educação básica, dois teóricos de educação em geral e um referente à educação profissional.

Desses 14, as mulheres ainda são em maioria no interesse e na produção científica, dos 36 pesquisadores, 26 foram mulheres e 10 homens. Os anos produzidos variaram entre 2009 e 2020, em média uma e meia produção/ano, de modo regular, porém pequeno quantitativo referente à categoria da educação. Além da saúde, uma boa parte dos trabalhos foram produzidos em categorias diferenciadas.

Quanto ao método, foram 12 empíricos e dois teóricos (Silva; Piolli, 2017; Lima, 2013) e uma variedade de métodos empíricos. Nenhum relacionou a Clínica Psicodinâmica do Trabalho e *somente um* relacionou ao sexo/gênero. Com relação aos resultados significativos obtidos pelo método da PdT relativo à educação, para investigar a tríade trabalho, saúde, doença no contexto da docência do magistério superior, o estudo fez a identificação de sobrecarga cognitiva em nível grave para as *mulheres* (58%), com avaliação em nível crítico (50%), além de maior esgotamento profissional enfrentado por elas em nível crítico (44%). Foi evidenciado diferença significativa quanto aos danos físicos, danos sociais e custo cognitivo. Para o autor, o papel do gênero e a vulnerabilidade aos riscos de adoecimento devem ser considerados no trabalho (Hoffmann et al., 2017), nível moderado de prazer em 54% dos docentes e um nível moderado de sofrimento em 41% dos docentes inquiridos, o que revela o uso de estratégias defensivas, de forma a subverter o sofrimento.

A identificação com as tarefas, a liberdade para falar no trabalho e a solidariedade entre colegas *são os principais reveladores* de prazer, mas o estresse, o desgaste, os sentimentos de insatisfação, de injustiça, de indignação e esgotamento emocional, revelaram ser os principais indicadores de sofrimento (Pena; Remoaldo, 2019). Ficaram constatadas violências psicológicas no modo de organização do trabalho e nas relações estabelecidas geradores de sofrimento e comprometimento da saúde dos professores, porém não de patologias, já que o prazer no trabalho é vivenciado pelo sentido, pelo grau de autonomia e reconhecimento dos discentes (Silva; Ribeiro; Machados, 2018).

Os professores vivenciam prazer e sofrimento no trabalho, sendo o sofrimento mais presente e enfrentam por meio de estratégias defensivas e de mobilização subjetiva que têm incitado e transformado aspectos do trabalho, porém não têm conseguido mudar o contexto de trabalho (Freitas; Facas, 2013). Dejours lançou reflexões e realizou descobertas que podem lançar questões ao trabalho do professor e ao cotidiano da escola num contexto de uma lógica neoliberal, na transposição de modelos gerenciais típicos das empresas para as escolas e nos sistemas educativos (Silva; Piolli, 2017). Para Grande (2009), o trabalho possui valor moral, social e utilitário, sendo fonte de crescimento pessoal e reconhecimento. No entanto, desafios como fracasso escolar, dificuldades de vínculo afetivo, indisciplina dos alunos, precariedade de infraestrutura, excesso de turmas, baixos salários e despreparo metodológico impactam a profissão.

Já Silva, Ghizoni e Emmendoerfer (2015) verificaram nos currículos dos cursos de graduação em Administração de Instituições Federais Brasileiras – IFES sobre “trabalho” e “saúde, a abordagem em diversas disciplinas e regiões do Brasil. Detectou-se que alguns planos de ensino versam acerca das transformações do mundo do trabalho e suas implicações para a saúde do trabalhador para área da gestão, porém a metade das disciplinas que abordam a temática são optativas e ou eletivas, isto é, limitadas.

Ribeiro, Araujo-Jorge, Neto (2016) apontaram nexos entre os projetos de desenvolvimento que impactaram o ambiente e as relações de trabalho na saúde, propostas educativas afinadas com essas

perspectivas e à realidade do público, por meio de integração das dimensões sociopolíticas, culturais e econômicas.

A experiência de Silva et al. (2009) foi promoção da saúde por meio de um dispositivo de formação pesquisa-intervenção em rede educacional, que reuniu diversos tipos de profissionais, permitindo (re)pensar o trabalho, as atividades e suas implicações sobre o processo saúde/doença, *conhecimento não mais “sexualmente cegos”* pela abordagem de relações de gênero como eixo transversal e constituição de Comissões de Saúde.

O estudo de Duarte (2015) evidenciou a necessidade: da efetivação de espaços e dispositivos que possam abarcar a saúde do trabalhador de saúde do SUS, de ações que incitem a reflexão e apropriação da realidade institucional/laboral, e do fortalecimento da política norteadora da atuação profissional que viabilize uma práxis fundamentada na autonomia e protagonização compartilhada, que sejam mobilizadoras de lutas à construção da dignidade e humanidade pelo/no trabalho.

Leite (2017) evidenciou a importância das relações interpessoais, da transparência, participação na gestão, reconhecimento através da valorização dos esforços dos trabalhadores para resolver os problemas e engajamento no trabalho. A limitação do poder de ação no desenvolvimento das atividades e a falta de comunicação entre os setores prejudicam os processos de trabalho e tais elementos devem tornar-se foco no processo de vigilância da relação trabalho e saúde. O trabalho de Lima (2013) revelou que os riscos de natureza ergonômica, como o uso de tecnologias e as exigências corporais e organizacionais, como a intensificação do trabalho, não tem seu reconhecimento direto, mas são as principais fontes de adoecimento do trabalho intelectual e acadêmico de Portugal.

O estudo de Freitas (2014) indicou de 213 fontes bibliográficas utilizadas pelo professor Prestes Motta, e dessas, 188 publicações categorizados em sete áreas temáticas, apontaram para o enriquecimento da disciplina de Epistemologia ao longo de dois anos e o engajamento dos alunos e professores na construção de conteúdos relevantes, mas também resistências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo objetivou levantar o estado da arte sobre a temática Psicodinâmica do trabalho—PdT, Educação e Gênero. Concluiu-se que dos 365 estudos de quatro plataformas pesquisadas sobre a PdT, foram analisados *41 estudos*, mas somente quatro, sob uma leitura de gênero e dois relacionados à educação superior, apontando uma *pobreza no campo de produções*, sobretudo na *educação básica*. Somente um estudo se utilizou de Clínicas Psicodinâmica do Trabalho e nenhum se utilizou de técnicas ou métodos prospectivos relacionados a fatos futuros, as pesquisas foram retrospectivas, de fatos passados.

Identificou-se que os trabalhos se concentraram na última década no Brasil, sob uma variedade de categorias profissionais estudadas. Foram utilizados variados instrumentos, com variados resultados em função das variadas temáticas abordadas. Também analisou o gênero no foco das mulheres nos trabalhos. A maior parte dos estudos não considerou as relações de gênero na avaliação

das vivências de prazer e de sofrimento dos trabalhadores. Somente *nove* se propuseram a avaliar sexo/gênero, majoritariamente no trabalho de cuidados, como das enfermeiras.

Os resultados apontaram para relações de prazer no trabalho, mas sobretudo de sofrimento, amenizadas por estratégias de defesa individuais ou coletivas. Ficou evidenciado que dos trabalhadores que estão inseridos no mercado de público, os servidores públicos estão em uma categoria de privilegiados, porém em função do contexto neoliberal, da precarização das condições e da organização do trabalho, fatores impactantes na saúde desses trabalhadores e que impõe condições de contradição nas vivências de trabalho. Observou-se bastante enfoque nas categorias profissionais contidas no serviço público, revelando flexibilidade e alcance da teoria da PdT para evidenciar as relações entre trabalho e saúde.

Entre esses, os professores da educação básica pública sofrem as condições dos servidores públicos e por se caracterizar como uma categoria especial pelo papel profissional e social, agravadas por estar em contato diário e permanente com o mesmo público em grupo de crianças ou adolescentes. Dos 41 trabalhos, somente quatro relacionaram gênero entre os fatores de prazer-sofrimento, dois na educação básica e dois na educação superior. Nenhum de raça/etnia.

Os estudos realizados na perspectiva da PdT apontaram para muitos trabalhos com a categoria de profissionais da educação, professores na quase totalidade, porém insuficientes para uma análise de gênero, sobretudo quanto à análise das mulheres trabalhadoras da educação.

Na educação básica, o estudo (Almeida; Neves; Santos, 2010) indicou a discrepância entre trabalho prescrito e o trabalho real, amenizadas pelo uso de suas sensibilidades e criatividade na regulação da atividade. No estudo de Silva et al. (2009), foi apontada a abordagem de relações de gênero como eixo transversal e a constituição de Comissões de Saúde em algumas escolas públicas, pelo conhecimento não mais “sexualmente cego”.

Na educação superior, o estudo de Brito et al. (2020) evidenciou implicações das relações sociais de classe e gênero e o estudo de Hoffmann et al. (2017) identificou uma diferença significativa entre homens e mulheres quanto aos danos físicos, sociais, sobrecarga, custo cognitivo e esgotamento profissional em nível grave e crítico para as mulheres e concluiu que o papel do gênero deve ser considerado enquanto elemento que promove distinção na percepção, avaliação e gestão no trabalho e a vulnerabilidade aos riscos de adoecimento.

Os trabalhos surgiram a partir da segunda dezena do novo milênio, somente a partir dos anos 2009, porém pontuais e não crescentes. Pressupõe que com a nova onda de debates a respeito da temática na mídia e nos cotidianos, mais estudos estão e estarão sendo produzidos na perspectiva de gênero, raça e classe e outros, já que se constitui uma dimensão estrutural e um campo fecundo para produção de conhecimento. De limitação desse estudo, apesar da abrangência das bases de dados pesquisadas, pode-se pressupor que uma parte da produção científica sobre o tema não se encontrava disponibilizada e consequentemente não foi analisada nesse trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho — PdT clássica não tem investigado sobre o trabalho de mulheres, as vivências de caráter exclusivo delas, as violências, inclusive estruturais, de uma categoria de “metade da população trabalhadora do mundo” (Antloga; Carmo; Rocha, 2021). Mas constitui-se uma teoria e metodologia para se investigar o trabalho docente e na educação, já produziu muito

conhecimento, entretanto insuficiente do ponto de vista de gênero e raça e outras interseccionalidades. A intersecção entre gênero, saúde mental e gestão possui uma capacidade de geração de uma riqueza de resultados importantes para o campo, o que demanda esforços nessa direção, na expectativa de contribuir sob essas perspectivas para produção científica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. R.; NEVES, M. Y.; SANTOS, F. A. As condições e a organização do trabalho de professoras de escolas públicas. *Psicol.: teoria e prática*, 12(2):35-50, 2010.
- ALVAREZ, D. et al. Productive reorganization, outsourcing and labor relations in an offshore oil industry in Campos Basin (RJ). *Gestão & produção*, 1 Abril, v. 14(1), 2007.
- ANCHIETA, V.C.C. et al. Trabalho e Riscos de Adoecimento: um estudo entre policiais civis. *Psicol.: teoria e pesq.*, April-June, v. 27(2), 199(10), 2011.
- ANTLOGA, C.S. et al. Trabalho feminino: uma revisão sistemática da literatura em PdT. *Psi: teor e pesq.*, 36(spe), 2020.
- ANTLOGA, C.S.X.; CARMO, M.M.; ROCHA, B.C.C. Clínica do trabalho para quem? Reflexões metodológicas sobre a PdT feminino. *In: SEIDL, et al. (Orgs). Estratégias metodológicas de pesquisa em psicologia clínica. v.6. Curitiba: CRV, 2021.*
- BAGALHO, J. O.; MORAES, T. D. A organização do trabalho prisional e as vivências de prazer e sofrimento. *Est. de psi.*, v. 22(3), p. 305-315, 2017.
- BESSIL, M. H.; MERLO, Á. R. C. A prática docente de educação de jovens e adultos no sistema prisional. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 2, p. 285-293, ago./2017.
- BRITO, L.; CASTRO, A.; SOUSA, J.; FIGUEIRÓ, R. Por um caminho para o ensino da epistemologia na Administração—uma construção compartilhada. *Holos*, v. 36(6), 2020.
- BRITO, J.C.; NEVES, M.Y.; OLIVEIRA, S.S.; ROTENBERG, L. Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero. *RBSO*, v. 37, n. 126, 316-329, dez/2012.
- CARDOSO, A. M. Work as a determining factor in the health-sickness process. *Tempo Social*, v. 27(1), 73-93, 2015.
- CARDOSO, V.M.L.; RIBEIRO, C.V.S. Entre travessias: a saúde dos docentes na expansão/interiorização do IFMA. *Revista Subjetividades*, v. 16(1): 24-36, 2016.
- COSTA, J. E. M.; BRASIL, K. T. O desafio do trabalho com adolescentes em conflito com a lei: intervenção em PdT. *Psicol.em Est.*, v. 22(2), abr./jun. 2017.
- CUNHA, T.; VIEIRA, S.B. Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteadas de Juarez Távora/PB. *Psicol: ciência e profissão*, v. 29(2), 2009.
- DORNA, L. B. H.; MUNIZ, H. P. Relações Sociais de Sexo e Psicodinâmica do trabalho: a sexuação das defesas no trabalho de care. *Fractal*, v. 30(2), 154-160, 2018.
- DRABACH, N. P.; FREITAS, S. R. Diretores das escolas públicas brasileiras: quem são esses sujeitos? *In: 9 ANPED Sul. Anais [...]. 2012. Seminário de Pesquisa em educação da região sul. Disponível*

em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1328/1340>. Acesso em: 11 jul. 2025.

DUARTE, D. A. A supervisão enquanto dispositivo: narrativa docente do estágio profissional em psicologia do trabalho. *Interface*, v. 19 (52), 133(12), 2015.

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. B. Psicodinâmica do trabalho do coletivo de profissionais de educação de escola pública. *Psico-USF*, v. 20(2), 323-332, ago./2015.

FERNANDES, J. D. et al. Saúde mental e trabalho feminino: imagens e representações de enfermeiras. *RLAE*, v. 10(2), 199-206, 2002.

FERREIRA, T. M.; GHIZONI, L. D. Narrativas de policiais militares do Tocantins sobre o trabalhar. *Rev. Observatório*, v. 4(6), 597-635, 2018.

FISCHER, D.; PEREZ, K. V. "Eu sou quem então?": o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento. *CPST*, v. 21, n. 2, 133-147, 2018.

FREIRE, L. S. M. As vivências de sofrimento de docentes do Tocantins: pistas para ações de vigilância em saúde do trabalhador. Dissertação (Saúde Púb.). Fiocruz, 2014.

FREITAS, M. E. Tributo a Fernando C. Prestes Motta: um acadêmico e sua obra docente. *RAE*, 54(3), Jun, 2014.

FREITAS, L. G.; Facas, E. P. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. *Est. e pesq. em psicol.*, v. 13(1), 7-26, 2013.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Revisão Sistemática da Literatura. *Temas em Psicologia*, Dec, 2015.

GOMES, M. L. B. M.; LIMA, S. C. C.; MENDES, A. M. Experiência em clínica do trabalho com profissionais de T&D de uma organização pública. *Est. e pesq. em psicol.*, 1 Dec, v. 11(3), 841-855, 2011.

GRANDE, C. O trabalho e o afeto: prazer e sofrimento no trabalho dos professores da escola pública de Brasília. *Sociedade e Estado*, Sep/Dec, v. 24(3), 2009.

HOFFMANN, C. et al. Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. *Ed. e Pesq.*, v. 45, 2019.

HOFFMANN, C. et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. *Estudos Avançados*, 1 September, v. 31(91), 257-276, 2017.

JARDIM, T. A.; LANCMAN, S. Aspectos subjetivos do morar e trabalhar na mesma comunidade: a realidade vivenciada pelo agente comunitário de saúde. *Interface*, v. 13(28), 2009.

KERSTING, I. Equipamentos do séc. XIX, profissionais do séc. XX e problemas do séc. XXI: saúde mental dos trabalhadores da FASE do RS. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). UFRS, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/152725>. Acesso em: 8 jul. 2025.

LAPA, T. S. Trabalho e práticas sociais das mulheres: encontros entre a sociologia das relações sociais de sexo e a PdT. *Interseções*, v. 22(1), 122-146, 2020.

LEITE, I. G. O sentido da relação trabalho e saúde para os assistentes em adm. de uma universidade pública federal no Estado de MG. *Physis*, 27(3), 2017.

LIMA, T. M. Trabalho intelectual e acadêmico: onde se "escondem" os riscos laborais? Dossiê Trabalho, Saúde e Ambiente. *Revista em pauta*, v. 11, n. 32, 2013.

LIMA, J. P. A. Gestão democrática na escola: uma estratégia de prazer no trabalho — estudo exploratório com professores de escola pública do DF. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Brasília: Universidade

Católica de Brasília – UCB, 2011. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1778>. Acesso em: 11 jul. 2025.

LOUREIRO, T.; MENDES, G. H. S.; SILVA, E. P. Estigma, invisibilidade e intensificação do trabalho: estratégias de enfrentamento do sofrimento pelos assistentes em administração. *TES*, v. 16, n. 2, 703-728, ago./2018.

MARANDA, M.; VIVIERS, S.; DESLAURIERS, J. "Escola em sofrimento": pesquisa – ação sobre situações de trabalho de risco para a saúde mental em meio escolar. *Cad. Psicol. Soc. Trab.*, São Paulo, v.17, n. spe. 1, p.141-151, 2014.

MARIANO, M. S. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Est. e pesq. em psi.*, ano 6, n. 1, 2006.

MENDES, A. M. Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. *Est. e pesq. em psicol.*, v. 3(1), p. 38-48, 2013.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; OLIVEIRA, R. C. V. Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do RJ. *RC&SC*, v. 16(4), 2011.

MOLINIER, P. Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo: um itinerário interdisciplinar. 1988–2002. *Produção*, v. 14(3), 14-26, 2004.

MOLINIER, P. Care, intersectionality and feminism. *Tempo Social*, v. 26(1), 17-33, 2014.

MOREIRA, D.A. Prazer e sofrimento de docentes e discentes na pós-graduação stricto sensu em Enfermagem. Tese (PEN), UFMG, 2018.

MUNHOZ, M. M. Aspectos psicodinâmicos e adaptativos do professor na relação com seus alunos do primeiro ano do ensino fundamental em escolas da rede pública: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Psicologia), USP, 2014.

NASCIMENTO, E.L.A.; VIEIRA S.V.B.; ARAÚJO, A.J.S. Desafios da gestão coletiva da atividade na docência universitária. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 32(4), 2012.

NEVES, R. F.; NUNES, M. O. Incapacidade, cotidiano e subjetividade: a narrativa de trabalhadores com LER/DORT. *Interface*, v. 13(30), 55(12), 2009.

NOGUEIRA, D. S. Circulação de sentidos em discursos sobre o trabalho e a saúde de professores de escolas públicas: interrogações a partir do ponto de vista da atividade. Dissertação (Ciências na área de Saúde Pública), 2013. Fiocruz. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/35031>. Acesso em: 11 jul. 2025.

NUMMER, F.; CARDOSO, I. Estigma do adoecimento na polícia militar do Pará. *Política & Trabalho*, 2018, v. 49, 227-245, 2018.

OLIVEIRA, G. F. Prazer e sofrimento no trabalho de professores dos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública do distrito federal. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2014. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1838>. Acesso em 11 jul. 2025.

PACHECO, T.P.; SILVA, R.M.P. Risco psicossocial para servidores de universidade pública na região norte do Brasil. *Revista Psicologia*, v. 18(1), 335-334, 2018.

PAI, D.D. et al. Repercussões da aceleração dos ritmos de trabalho na saúde dos servidores de um juizado especial. *Saúde e Sociedade*, v. 23(3), 942-952, 2014.

- PALÁCIOS, M.; DUARTE, F.; CÂMARA, V. M. Trabalho e sofrimento psíquico de caixas de agências bancárias na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 18(3), 843-851, 2002.
- PENA, L.; REMOALDO, P. Psicodinâmica do trabalho: um estudo sobre o prazer e o sofrimento no trabalho docente na Universidade Óscar Ribas. *Saúde e Soc.*, v. 28(4), 147-159, 2019.
- PEREIRA, L. Work in question in the "depression epidemic". *Tempo Social*, v. 23(1), 67-95, 2011.
- PEZÉ, M. Forclusão do feminino na organização do trabalho: um assédio de gênero. *Produção*, v. 14(3), 6-13, 2004.
- RIBEIRO, J.M.P.; ARAUJO-JORGE, T.C.; NETO, V.B. Ambiente, saúde e trabalho: temas geradores para ensino em saúde e segurança do trabalho no Acre, Brasil. *Interface*, v. 20(59), 1027(13), 2016.
- RIBEIRO, V. O. Estratégias de mediação do sofrimento: estudo exploratório com professores em contexto escolar inclusivo. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2013. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1818>. Acesso em 11 jul. 2025.
- RIBEIRO, S.F.R. et al. Intervenção em uma escola estadual de ensino fundamental: ênfase na saúde mental do professor. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, set/dez, 2012.
- ROCHA, E. K. G. T.; PINTO, F. M. O desafio conceitual do trabalho doméstico à psicologia do trabalho. *Fractal: revista de psicologia*, v. 30(2), 145-153, 2018.
- RUZA, F. M.; SILVA, E. PINTO. As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? *Subjetividades*, v. 16(1): 91-103, abr./2016.
- SANTOS, G. B. Os professores e seus mecanismos de fuga e enfrentamento. *TES*, v. 7, n. 2, 285-304, 2009.
- SANTOS JÚNIOR, A. V.; MENDES, A. M.; ARAUJO, L.K.R. Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/Dort. *Psicol.: ciência e profissão*, v. 29(3), 614-625, 2009.
- SANTOS, M. A. F.; SIQUEIRA, M. V. S.; MENDES, A.M. Tentativas de suicídio de bancários no contexto das reestruturações produtivas. *RAC*, v. 14(5), 2010a.
- SANTOS, M. A. F.; SIQUEIRA, M. V. S.; MENDES, A.M. Tréplica, relações entre suicídio e trabalho: diferenças epistemológicas e (im)possibilidade de diálogo. *Documentos e Debates. RAC*, v. 14(5), 956(12), 2010b.
- SILVA, A. V.; PIOLLI, E. A centralidade do trabalho na psicodinâmica de Christophe Dejours, o campo educacional e o trabalho docente: aproximações possíveis. *Devir Educação*, v.1, n.1, 50-65, 2017.
- SILVA, E. F.; BRITO, J. NEVES, M. Y.; ATHAYDE, M. A promoção da saúde a partir das situações de trabalho: considerações referenciadas em uma experiência com trabalhadores de escolas públicas. *Interface*, v. 13(30), 107(10), 2009.
- SILVA, E.P. A escuta do trabalhador estressado enquanto estratégia de aprimoramento da formação profissional. *Aletheia*, v. 29, 43(14), 2009.
- SILVA, F.R.; GHIZONI, L.D.; EMMENDOERFER, M.L. Trabalho e saúde: um olhar sobre a incidência dessas temáticas nos cursos de administração de universidades federais. brasileiras. *RAEP*, v. 16(2), 341(40), 2015.
- SILVA, J.P. Quando o trabalho invade a vida: um estudo sobre a relação trabalho, vida pessoal cotidiana e saúde de professores do ensino regular e integral de SP. Tese (Doutorado em Saúde Pública). USP, 2018.
- SILVA, J.V.; VASCONCELLOS, P.A.; FIGUEIREDO, V.C.N. Trabalho e sofrimento: desafios da saúde mental de profissionais da assistência social. *Psi. em est.*, v. 23, 69-79, 2018.

- SILVA, M. B.; VIEIRA, S. B. O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. *Saúde e Sociedade*, v. 17(4), 161-170, 2008.
- SILVA, S.L.; RIBEIRO, C. V. S.; MACHADO, B. B. We always find ourselves with the guillotine on our necks: precariousness and violence in the teaching work. *Acta Scientiarum*, v.40(1), Education (UEM), 2018.
- SILVEIRA, A. L.; MERLO, A. R. C. O medo: expressão de um coletivo de trabalhadores. *Fractal*, v. 26(2), 349-364, 2014.
- SOUZA, G. S.; COSTA, E. A. Considerações teóricas e conceituais acerca do trabalho em vigilância sanitária, campo específico do trabalho em saúde. *Cien & Saude Col*, v. 15(7), 3329(12), 2010.
- TSCHIEDEL, R. M.; TRAESEL, E. S. Mulher e dor: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. *Est. e pesq. em psi.*, v. 13(2), 611-624, 2013.
- TUNDIS, A. G. O.; MONTEIRO, J. K. Ensino superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública. *Psic. da Ed.*, 46, 1º sem., 1-10, 2018.
- TUNDIS, A. G. O. *et al.* Estratégias de mediação no trabalho docente: um estudo em uma universidade pública na Amazônia. *Educação em Revista*, v. 34, 2018.
- VILELA, E. F.; GARCIA, F. C.; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. *REAd*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 517-540, 2013.

Recebido em: 1 de fevereiro de 2025.

Aprovado em: 17 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/repr.v16i1.13420>

ⁱ Gisele Cristine da Silva Dantas. Professora formadora da rede educacional pública, Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4686338407513062>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9005-4218>

E-mail: dantasg@hotmail.com

ⁱⁱ Carla Sabrina Xavier Antloga. Psicóloga, Professora, Mestre e Pós-Doutora em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1693120835730857>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4105-6708>

E-mail: antlogacarla@gmail.com